

# CONSIDERAÇÕES DOCENTES ACERCA ASCENSÃO DO PENSAMENTO POLÍTICO CONSERVADOR E LIBERAL PELOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS DO SEMIÁRIDO DA PARAÍBA

Ceciliano Gomes Neto <sup>1</sup>  
Flávio Jacinto Almeida <sup>2</sup>  
Kaline Gomes Fernandes <sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo, visa discutir alguns elementos de uma reflexão acerca da ascensão da representação do conservadorismo e o liberalismo político difuso no cotidiano escolar, sem a pretensão de esgotar ou ter conclusões totais a respeito do tema, apenas buscar a luz da teoria política clássica e da perspectiva da juventude no Brasil em determinadas realidades. Pontos de observação relacionando Ciência Política e Educação feitas por professores da educação básica no cotidiano escolar ao longo de suas trajetórias docentes, sendo a escola básica de pequenas cidades no Semiárido do Nordeste um lócus fértil dessas manifestações, sobretudo nas eleições gerais de 2018 com a eleição de Jair Messias Bolsonaro.

**Palavras-chave:** Juventude. Conservadorismo e Liberalismo, Escola

## INTRODUÇÃO

O presente artigo não possui a pretensão de esgotar quaisquer debate em relação a representação da teoria política do conservadorismo e liberalismo, mas problematizar como um educador/pesquisador no “chão da escola” observa, até certo ponto, as manifestações políticas da juventude no ambiente escolar da educação básica. O artigo visa discutir elementos de uma reflexão acerca das representações políticas do conservadorismo<sup>4</sup> e liberalismo político na juventude do ensino médio, uma vez que não há muitas pesquisas aprofundadas no sentido das representações políticas desse público, a maioria dos estudos são no sentido da participação política (grêmios estudantis, movimento estudantil), o enfoque que pretendemos discutir não é esse, mas os discursos dos jovens no ambiente escolar, através da manifestações políticas acaloradas no período das eleições presidenciais do Brasil em 2018,

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [cecilianogomes@gmail.com](mailto:cecilianogomes@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [flavioesociais@hotmail.com](mailto:flavioesociais@hotmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Curso PROFSOCIO da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [kaline\\_fernandes@yahoo.com.br](mailto:kaline_fernandes@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Na perspectiva do pensamento político eu tem como a liberdade e a ordem princípios básicos sendo o filósofo Edmund Burke (1729-1797) um fiel representante dessa ideia.

fazendo um esforço de refletir as motivações e as possíveis fontes que fizeram os jovens se apropriar para essas visões políticas

Após de mais de uma década no magistério da educação básica, nos deparamos com o momento fértil do debate político entre os jovens no ambiente escolar corroborando com Castro (2008 p. 257): “a adesão de jovens à causa político-partidária está relacionada ao desejo de transformação social e à expectativa de um mundo melhor, mais justo, com menos desigualdades sociais, em que as coisas possam estar menos erradas”.

Ponderamos que não estou aqui qualificando os posicionamentos que advém disso, mas consideramos que podemos a partir desse momento promover de forma mais sistematizada para a juventude, a caracterização dos espectros políticos que foram historicamente abordadas pela Ciência Política clássica: liberalismo, conservadorismo, socialismo, social democracia, bem como democracia, autoritarismo, cidadania elementos gerais desses conceitos. Buscando “despersonalizar” o debate, distanciando-se de posicionamentos extremados antagônicos, demonstrando que numa democracia não temos esse “purismo” identitário, mas discursos que servem para atender determinados interesses que vão além do nosso cotidiano.

“a educação é - como tudo o mais que é humano e é criação de seres humanos - uma dimensão, uma esfera interativa e interligada a outras, um elo, uma trama (no bom sentido da palavra) na teia de símbolos e saberes, de sentidos e significados, como também de códigos, de instituições que configuram uma cultura, uma pluralidade interconectada (não raro, entre acordos e conflitos) de culturas e entre culturas, situadas em uma ou entre várias sociedades”. (p. 12)

Essa passagem de Brandão(2009) pode ilustrar bem como a educação em interface com a cultura pode ser fecundo para diversidade, e por que não dizer, com os saberes, conhecimentos e vivências.

Não vamos fazer uma abordagem histórica a respeito da percepção da juventude acerca da política apesar de partir de interpretações fecundas de estudiosos da juventude no Brasil que fazem esse aprofundamento, como na passagem a seguir:

“As representações correntes ora investem nos atributos positivos dos segmentos juvenis, responsáveis pela mudança social, ora acentuam a dimensão negativa dos “problemas sociais” e do desvio. Assim, se nos anos 1960 a juventude era um “problema” na medida em que podia ser definida como protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais, a partir da década de 1970 os “problemas” de emprego e de entrada na vida ativa tomaram

progressivamente a dianteira nos estudos sobre a juventude, quase a transformando em categoria econômica.” (SPOSITO e CARRANO 2003, p.2).

Mas apresentar elementos de discussão que emergiram nossas aulas em duas escolas: ECIT Iolanda Tereza Chaves Lima no município de Cubati-PB e EEEFM Monsenhor José Borges no município de São Sebastião de Lagoa de Roça-PB sobretudo no período eleitoral em 2018, mas ainda com desdobramentos em 2019.

### **A JUVENTUDE ESTÁ MAIS CONSERVADORA?**

Primeiramente vamos definir a juventude que estou considerando, pois sabemos que é um conceito que possui um entendimento estendido, essa juventude da que faço alusão são os discentes das escolas que leciono, bem como outros jovens que observamos nas redes sociais, entre 15 e 20 anos, etapa que se configura o é considerado por Dayrell e Carrano (2014) “de um lado há um carácter universal, dado pelas transformações do individuo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida” . Jovens esses que estão imbuídos de muitas certezas, que denomino de autoverdade que pode ser assemelhada a de pós-verdade<sup>5</sup>, baseada na perspectiva de Arendt(1967) na falta de compromisso da política com a verdade:

“Jamais alguém pôs em dúvida que verdade e política não se dão muito bem uma com a outra, e até hoje ninguém, que eu saiba, incluiu entre as virtudes políticas a sinceridade. Sempre se consideraram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista. Por que é assim?”(2001,p.283)

Uma ideologia arbitrária<sup>6</sup> que se constitui até certo ponto no campo da retórica, mas que deixa marcas substanciais nas relações cotidianas, sendo a escola um lócus importante dessas manifestações.

Como já explicitamos, ao longo desse tempo no exercício do magistério, não tínhamos observado um momento tão fértil para discussão política, não no sentido partidário, mas na

<sup>5</sup> Reportagem de Eliane Brum de 16/07/2018 apresenta essa ideia que se tornou a fonte da futura vitória do presidente Bolsonaro. Disponível: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001\\_113905.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html)

<sup>6</sup>Ver “ A questão da ideologia em Gramsci” de Leandro Konder. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?id=298&page=visualizar>

possibilidade do interesse pela Ciência Política. Obviamente que isso possa ter sido uma impressão passageira pelo momento que estávamos passando no segundo semestre de 2018, mas reafirmo que em 2019 ainda possuímos esse interesse entre os jovens. A pergunta pode surgir, como vocês observam isso? Pelos conteúdos programáticos da Sociologia na educação básica: Estado, participação política, cidadania, democracia, só para elencar os mais abrangentes, notamos o interesse cada vez maior dos jovens em nossas aulas.

Devemos reconhecer que no ambiente do período eleitoral, não conseguia ter a clareza a respeito (re) surgimento do pensamento conservador em nossa juventude, até certo ponto assustados. Mas hoje temos uma percepção menos catastrófica e até consideramos um momento fértil para alimentarmos o debate público. Um pouco antes desse momento, já notávamos o crescimento de uma visão difusa liberal entre jovens, construída pelo próprio desgaste de um partido com 4 eleições consecutivas no poder institucional, alimentado pela grande mídia os escândalos de corrupção, faz com que os jovens, muitos deles já nascidos nesse milênio e nenhuma experiência com outra forma de governar, buscassem crer em novos discursos e conseqüentemente, novas configurações do debate político público e visão diferente do papel do estado contemporâneo.

O problema que observamos é a pouca profundidade a respeito dos temas que os jovens possuem, com isso tomam uma posição de acordo com sua visão ideológica, muitas vezes com uma realidade imperativa é desconsiderada dependendo de quem seja o interlocutor, com essa posição fragiliza-se o debate público, e conseqüentemente, não contribui para o aprimoramento da democracia.

A literatura clássica de Ciência Política reconhece o valor do pensamento conservador, liberal, social democrata, socialista, e por ai vai, desde possua bons fundamentos e argumentos, não é o que muitas vezes estamos observando em nosso país, ficando mais gritante na juventude, tendo em vista que poderiam ter uma posição mais flexível.

E essa possível ascensão do conservadorismo entre a juventude, quais seriam os fundamentos? O crescimento das igrejas evangélicas, a falta de crença no sistema político partidário, a crise econômica e a violência que chega a ser caótica estão como elementos a serem considerados. Como disse, o desgaste de imagem do partido que governou o país por 13 anos, também contribuiu com essa ascensão desse pensamento entre a juventude, pois não possuem parâmetros em sua existência. De toda forma, essa passagem ilustra bem a visão que permeia o governo atual que veio com energia respaldada pelos sufrágios do ano anterior:

"Todas as reformas que fizemos até hoje foram realizadas a partir de referências ao passado; e

espero, ou melhor, estou convencido de que todas as reformas que possamos realizar no futuro estão cuidadosamente construídas sobre precedentes análogos, sobre a autoridade, sobre a experiência.“(p.19-20, 2012), princípios de moralidade, valorização da família e da religião amalgamaram esse cenário.

## **O FLUÍDO DISCURSO LIBERAL ENTRE JUVENTUDE**

Primeiramente é necessário dizer que concepção política liberal possui sua validade e importância como ideia vigente do estado moderno, disto isso, quando fazemos referência a essa ideia mobilizada em nosso país, fazemos ressalvas consideráveis, pelo enviesamento(propositalmente ou não) sobretudo reproduzido pela juventude.

Pela teoria clássica do liberalismo<sup>7</sup>, em linhas gerais, a pessoa que se diz liberal, promovem sua ideia em todas as esferas de sua vida(economia, costumes, política), mas no ambiente escolar e nas redes sociais vejo um discurso fluído de “liberal na economia e conservador nos costumes”, pior que isso toma corpo quando agentes políticos fazem esse discurso<sup>8</sup>, fazendo com que o uso do termo faça com que se tenha uma interpretação equivocada tanto da teoria política clássica quanto de não consideração do contexto que está sendo falado. O contexto que estamos nos referindo é quando não se pondera o ambiente, como se ser liberal no Brasil com essas características, é a mesma coisa de ser liberal nos EUA, em algum país da Europa Ocidental ou de Singapura.

No sentido pedagógico, cremos que esse discurso prejudique o debate público na democracia, pois transmitem de forma equivocada noções e ideias dessa ideologia política.

O fluído que utilizamos é por conta de traços de liberalismo pra determinadas áreas como econômico ou papel do estado, mas quando se pautam um debate a respeito de políticas reprodutivas ou casamento civil homoafetivo de antemão são contrários, associando-se ao conservadorismo clássico. Por isso, chegamos a passagem que trazemos um pouco da vivência na docência da educação básica as impressões que temos da percepção política dos jovens com relação a visão política.

## **A PERCEPÇÃO POLÍTICA CONSERVADORA/LIBERAL ENTRE JUVENTUDE NAS ESCOLAS**

<sup>7</sup> Partimos de Stuart Mill em Sobre a liberdade, mas reconhecendo figuras relevantes a doutrina liberal como:Tocqueville, Montesquieu, Locke.

<sup>8</sup> 21/05/2018 o futuro candidato a presidente pelo partido Novo que autodenomina “liberal”, fez uso dessa narrativa no programa Roda Viva da TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46sW-31yyQA>

Agora chegamos ao ponto de inflexão que nos propusemos abordar com maior acuidade de impressões que tivemos, e temos nas escolas de educação básica com a juventude, a respeito desse fenômeno de recrudescimento do pensamento conservador/liberal entre os discentes. Primeiramente pontuamos a motivação do uso como uma interface entre liberal e conservador, muitas vezes se caracterizam como sinônimos no sendo discurso, uma vez que se associam sistematicamente quando se tratam de pautas liberais econômicas e políticas e viés conservadoras em costumes e políticas sociais(educação,saúde e segurança).

Quando afirmamos que ficamos assustado, em um primeiro momento, era por que frase do tipo: “Bandido bom é bandido morto”, “Ela mereceu ser estuprada” ou “Volta ditadura” emergiram nas aulas quando determinados assuntos surgiam em virtude do andamento da campanha política, na qual sabemos que o signatário desse tipo de arroubo, logrou êxito e se elegeu Presidente da República<sup>9</sup>. Como nós, enquanto educadores deveríamos agir em relação a esses discursos? Foi a partir dessa pergunta que fomos refletindo acerca do momento fértil, mas não menos desafiador e desgastante, estávamos passando. Isso de certa forma, pôde se associar com as visões de um país em “guerra”, no nosso caso a segurança pública, pois: “Os cidadãos também se mostram mais propensos a tolerar – e mesmo a apoiar – medidas autoritárias durante crises de segurança, sobretudo quando temem pelo seu bem-estar.”(p.109, 2018), temos que buscar explicações racionais a toda essa efusão de acontecimentos que estamos passando.

Começamos a problematizar com esses jovens, que determinados valores democráticos são inegociáveis e que determinados discursos promovem ou obstaculizam a democracia, que ideologias a parte, podemos perceber um anseio de uma democracia radical<sup>10</sup> no sentido da justa motivação, mas que aparentemente vêm se delineando por caminhos tortuosos, na medida em que se afasta das premissas quando nos deparamos com o governo atuando . Nossas ideologias políticas não farão sentido ou não existirão se não pudermos apresentar elas em ambiente público, por isso que consideramos a escola básica um lócus fértil desse debate. De certa forma, ainda temos certa liberdade, seja pela invisibilidade da juventude<sup>11</sup> ou de ordem de conteúdo da Sociologia no ensino médio a respeito de Estado, participação política, cidadania,... Em termos dos conceitos abordados através dos livros didáticos. Como dissemos, não é objetivo trazer a

---

<sup>9</sup> Feliz abordagem no capítulo 4. Subvertendo a democracia em “Como as democracias morrem”, apresentam elementos de aproximação do que aconteceu no Brasil com a chegada do demagogo ao poder, com outros políticos em outros países.

<sup>10</sup> Ver Fung & Cohen(2007)

<sup>11</sup> Ver Lima Filho(2014)

discussão no aspecto curricular ou pedagógico, mas as impressões através dos discursos conservador e liberal proferidos no ambiente escolar e nas redes sociais por esses jovens que temos contato.

Interessante é ponderarmos que os discursos e ações não há um entendimento consciente e aprofundado de ideologia conservador ou liberal, mas traços difusos que muitas vezes não correspondem ao nível de adesão que seria necessário para tal posicionamento, ainda mais em se tratando de Brasil pela diversidade política, cultural e social. É a questão da pós-verdade que já apresentamos fundamentado no distanciamento de Arendth(2012) entre a verdade e a política, aprofundado pelo advento das redes sociais que permitiram a celeridade das informações( nem sempre fatos e muito menos verdades) que nunca tinham participado nessa proporção do processo eleitoral.

Temos a convicção que ainda estamos passando pelo momento que não possuímos a métrica necessária para dimensionarmos o impacto real do conservadorismo e liberalismo em nosso país, mas é notório termos a compreensão que é um movimento legítimo e que pode trazer mudanças( não querendo qualificá-las por enquanto) substanciais na visão prática política de nossa juventude e que nós, enquanto educadores, não podemos condenar por devem de ofício, mas trazer a luz do debate princípios e valores inegociáveis numa democracia( ou pelo menos que se diz ser).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDTH, H. 2001. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo : Perspectiva.  
\_\_\_\_\_. “Uma sociedade sem classes” e “Ideologia e Terror: uma nova forma de governo”. In: **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. IN: BOURDIEU, Pierre (colt.) *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, p.p.112-121, 1983.
- BRASIL. LEI Nº 9.294, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**, Brasília, DF, dez 201996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2019.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio (parte IV: ciências humanas e suas tecnologias)**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- BURKE, Edmund; Einloft Neto, Herculano de Lima (tradução), **Reflexões sobre a Revolução em França**, v. 1, 2012.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. **Participação Política e Juventude: Do Mal Estar à Responsabilização Frente Destino Comum**. Revista de Sociologia e Política. V.16. nº 30. 253-268. Jun/2008.

DAYRELL, J. **Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola.** In: DAYRELL, J. CARRANO, P.; MAIA, C.L. (Org.). *Juventude e ensino médio.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 101-133.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). ***Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.*** 2ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005. 40 p. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 01 março 2019.

FUNG, Archon. COHEN, Joshua. **“Democracia Radical”.** In: *Política e Sociedade.* n.11. Outubro de 2007, p. 221-237. Dossiê.

LEVISTKY, Steven. ZIBLATT, Daniel. “Subvertendo a Democracia”. In: **Como as Democracias Morrem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIMA FILHO, Irapuan P. Culturas Juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais – UFC,** Fortaleza, Vol.45,N.1, Jan-Jun. 2014.

MANNHEIM, Karl. **O Problema da juventude na sociedade moderna.** IN: Mannheim, Karl. *Diagnóstico de Nosso Tempo.* Rio de Janeiro: Zahar, p.p.36-61, 1961.

MESQUITA, M. R., BONFIM, J. PADILHA, E. & SILVA, a. c. (2016). **Juventudes e participação: compreensão de política, valores e práticas sociais.**

STUART MILL, John. **Sobre a Liberdade.** Petrópolis: Vozes, 1991.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e políticas públicas no Brasil.* Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro , n. 24, p. 16-39, Dec. 2003.